

Representações Sociais: dimensão estruturada e estruturante dos processos de comunicação

Gustavo Brivio *

Resumo: A Teoria das Representações Sociais se mostra, claramente, como uma vertente sociológica da Psicologia Social. O pensador Durkheim, com o conceito de “representação coletiva”, influenciou, de maneira acentuada, os estudos modernos sobre as representações. Serge Moscovici, debruçando-se sobre a questão das representações, denomina-as de “sociais”, cunhando o termo “representações sociais”. Essa conceituação se deve à necessidade prática e teórica de destacar a importância da comunicação na conformação das representações nas complexas sociedades modernas.

Palavras-chave: psicologia social, representações sociais, comunicação.

Abstract: The Social Representation Theory is clearly a sociological social psychology. The thinker Durkheim, with the concept of "collective representation", has influenced so sharp modern studies on the representations. Serge Moscovici, reflecting on the question of representations, called them “social”, coining the term “social representations”. This concept refers to the theoretical and practical need to highlight the importance of communication in shaping the representations in the complex modern societies.

Key words: social psychology, social representations, communication.



* GUSTAVO BRIVIO é Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPG-NEIM/UFBA).

Em 1961, Serge Moscovici publicou, na França, o texto seminal *La Psychanalyse: son image et son public*. Nessa obra, Moscovici delineou o campo de estudo das representações sociais numa perspectiva sociológica de psicologia social – caracteristicamente diferente das formas psicológicas de psicologia social norte americanas (FARR, 1994). Com efeito, a recusa de Moscovici em reduzir o social à mera soma de indivíduos contrasta com o paradigmático esforço de Allport em individualizar as instituições sociais nas pesquisas estadunidenses sobre psicologia social (FARR, 2008).

As proposições teóricas de Moscovici podem ser consideradas críticas relevantes ao projeto, levado a termo, de individualização da psicologia social de língua inglesa, notadamente do Reino Unido e da América do Norte. O fato de Allport encontrar em Comte o fundador de sua psicologia social situa esse campo de estudo no universo das ciências que se pretendem positivas. Por outro lado, ao adotar o ponto de vista sociológico, Moscovici reconhece, no pensamento de Durkheim, um importante marco para o seu esforço de teorizar as representações: de agora em diante, denominadas “representações sociais”.

É óbvio que o conceito de representações sociais chegou até nós vindo de Durkheim. Mas nós temos uma visão diferente dele [...]. Sua função teórica era semelhante à do átomo [...]. Do mesmo modo, sabia-se que as representações existiam na sociedade, mas ninguém se importava com sua estrutura ou com sua dinâmica



interna. [...] Assim, o que eu proponho fazer é considerar como um fenômeno o que era antes visto como um conceito (MOSCOVICI, 2009, p.45).

Sumariamente, pode-se afirmar que Moscovici se preocupa com o fenômeno das representações na sociedade de seu tempo, ou seja, a sociedade moderna ocidental. Isso significa que esse autor se interessa tanto em analisar o papel das representações em situações

concretas da vida cotidiana, com toda sua dinâmica e fluidez; quanto em compreender o processo mesmo de construção das representações sociais (DUVEEN, 2009).

Portanto, se Moscovici apresenta Durkheim como ponto de partida para suas reflexões em torno do tema das representações, o faz mediante a constatação de que os seus objetivos se diferenciam dos de seu autor inspirador. De fato, para Durkheim interessava a estabilidade das representações coletivas e seu conseqüente poder de coerção social, capaz de integrar a sociedade em um todo homogêneo. Moscovici, por seu turno, se preocupa com o estudo da diversidade de representações e idéias coletivas, características da heterogeneidade das sociedades modernas, dada a existência de diversos grupos sociais em constante negociação de forças (DUVEEN, 2009).

Obviamente, a diferenciação dos interesses de Moscovici, inclinado a pensar a dinâmica e a heterogeneidade das representações no mundo moderno, se reflete em suas proposições teóricas. Seria incompatível com seus interesses e objetos de estudo manter a visão estática e integradora das representações

coletivas e individuais presentes na teorização de Durkheim.

As sociedades tradicionais que inspiraram os estudos de Durkheim sobre as representações coletivas, se comparadas com as sociedades modernas, apresentam uma estrutura social altamente particular. A diferenciação estrutural e dinâmica existente entre as sociedades modernas e as tradicionais foi apreendida por Moscovici – a partir da formulação da sua teoria das representações sociais.

O ritmo das mudanças nas sociedades tradicionais se diferencia, amplamente, da velocidade característica das dinâmicas sociais modernas, mais aceleradas e fluidas. Com o intuito de marcar essa diferença e, ainda, de se distanciar da concepção integradora e positivista de Durkheim, abrigada sob o conceito de “coletivo”, Moscovici optou por substituir esse conceito pelo termo “social” (GUARESCHI, 1994).

Dessa maneira, “sociais” que passa a figurar no lugar antes ocupado pela terminologia durkheimiana “coletivas” – em “representações coletivas” – diz respeito a desdobramentos teóricos e metodológicos relevantes. Notadamente, o contraste entre os diversos grupos sociais e suas representações ganha destaque, assim como a necessidade de apreender a dinâmica mesma da conquista de hegemonia por determinadas representações, sobretudo, através dos velozes veículos de comunicação de massa.

No estudo das representações sociais, a comunicação ocupa espaço de extrema relevância. A análise dos fenômenos da comunicação é central para a compreensão dos processos constituintes das representações. Com efeito, as representações sociais são

formadas somente mediante a interação social existente entre grupos e indivíduos. É precisamente nesse sentido que se pode entender a originalidade da proposta de Moscovici:

Entretanto, a própria noção mudou, com as representações coletivas cedendo lugar às representações sociais. Vê-se facilmente o porquê. De um lado, era preciso considerar uma certa diversidade de origem, tanto dos indivíduos quanto dos grupos. De outro, era necessário deslocar a ênfase sobre a comunicação que permite aos sentimentos e aos indivíduos convergirem; de modo que algo individual pode tornar-se social ou vice-versa. Reconhecendo-se que as representações são ao mesmo tempo, construídas e adquiridas, tira-se-lhes esse lado preestabelecido, estático, que as caracterizava na visão clássica. Não são os substratos, mas as interações que contam (MOSCOVICI, 2001, p.62).

A importância da comunicação para a formação de representações sociais se desdobra – entre outros fatores – na problematização da natureza das relações entre grupos e indivíduos. Dessa forma, a teoria das representações sociais produz uma crítica radical ao positivismo do raciocínio dualista que polariza as noções de indivíduo e sociedade.

Do mesmo modo que muitos psicólogos e sociólogos, eu sinto repulsa diante do dualismo do mundo individual e do mundo social. [...] o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social. [...] As representações que elas [as culturas] elaboram carregam a marca desta tensão, conferindo-lhe um sentido e

procurando mantê-la nos limites do suportável. Não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito. O papel das representações partilhadas é o de assegurar que sua coexistência é possível (MOSCOVICI, 1994, p.11-12).

A tentativa de se reduzir o social à mera soma de unidades individuais ou, ainda, a pretensão de diluir os indivíduos no mundo social, apagando suas especificidades, não encontra abrigo na teoria das representações sociais formulada por Moscovici. Essa repulsa à redução, tanto do social, quanto do individual, tem sido a característica marcante da psicologia social desenvolvida por esse autor e seus seguidores, principalmente quando contrastada com a corrente hegemônica da psicologia social estadunidense.

Parece produtivo para a compreensão do intercâmbio que ocorre entre as esferas individual e social, o entendimento de que as relações existentes entre essas duas dimensões possuem caráter dialético. Não há como se pensar o sujeito completamente exilado do social, nem o social em si mesmo, formado por outros fatores que não a participação e interação dos sujeitos sociais.

O entendimento que postula o surgimento dos indivíduos de “dentro” para “fora”, num ato de extremo isolacionismo social, ignora as determinantes sociais constituintes desses indivíduos. Quando muito, pensa os fatores sócio-históricos enquanto interferências de um desenvolvimento autônomo, estranho e relativamente independente do mundo social. Jovchelovitch (1994) combate contundentemente o ponto de vista que objetiva reduzir o papel do social na conformação dos sujeitos, visto que para sua constituição, há a necessidade

imperativa da existência de uma comunidade, construindo, a partir do público, as vidas privadas.

Não observar a dialética constituinte da relação indivíduo/sociedade dificulta a compreensão de fenômenos sociais significativos, que esperam por uma explicação convincente. Os critérios definidores da racionalidade, por exemplo, encontram-se diretamente dependentes das representações sociais compartilhadas por uma sociedade específica (MOSCOVICI, 2009).

Nas nossas conversações cotidianas menos reprimidas encontramos-nos confrontados com imagens lingüísticas ou influências que vêm à mente sem que sejamos nós a sua origem e com deduções cuja formação não pode ser atribuída a nenhum de nossos interlocutores, como é o caso dos boatos. Todos esses atos permanecem sem coerência se nós afirmamos que eles são deduzidos de raciocínio ou expressões individuais, mas eles podem ser combinados em um todo cuja coerência pode ser descoberta quando se leva em conta as representações sociais pressupostas (MOSCOVICI, 2009, p.181).

A teoria das representações sociais oferece respostas a fenômenos sociais cuja importância para a vida social parece inegável. Esses fenômenos não admitem, por sua própria natureza e dinâmica, seu nascedouro nos indivíduos em que se fazem presentes. Imagens que ascendem à mente, raciocínios, boatos e deduções: tudo isso não faz sentido sem a anterioridade das representações sociais compartilhadas pelos membros de determinado grupo.

As representações sociais compõem certo tipo de caminho entre os mundos individual e social. A constituição desses mundos ocorre numa relação

dialética, possibilitando a sua coexistência. De acordo com Farr (1994), Moscovici dissolve a antítese entre o individual e o coletivo, proposta pelo positivismo de Durkheim, elaborando uma síntese.

A síntese entre individual e coletivo é produzida através do funcionamento do conceito de representação social. Nesse sentido, defende-se o entendimento de que as representações sociais operam como uma espécie de elo entre o mundo social e individual (MOSCOVICI, 2001). Por fazerem o papel de “ponte”, portanto, entre esses dois mundos, as representações sociais estão relacionadas estreitamente às dinâmicas das mudanças em sociedade.

Segundo Jodelet (2001, p.22), as representações sociais são “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Essa definição traz uma série de termos indispensáveis à caracterização do que se entende por representação social.

O fato de as representações sociais serem construídas socialmente encontra-se vinculado à centralidade do papel da comunicação na sua constituição. Para que haja comunicação, é preciso, no mínimo, a presença de duas pessoas. Assim, as representações sociais emergem de interações que pressupõem um corpo social.

É quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas. [...] Em sociedades cada vez mais complexas, onde a comunicação

cotidiana é em grande parte mediada pelos canais de comunicação de massa, representações e símbolos tornam-se a própria substância sobre a qual ações são definidas e o poder o é – ou não – exercido (JOVCHELOVITCH; GUARESCHI, 1994, p.20).

A interação proporcionada pela comunicação, que ocorre considerando os limites e possibilidades do contexto histórico e cultural de uma sociedade, estrutura o terreno a partir do qual as representações são engendradas. A dinâmica do processo de formação das representações reflete os jogos de influência travados entre os diversos grupos sociais que integram um país ou uma dada sociedade. Isso ocorre quando esses diferentes grupos representam, de forma diferenciada, por exemplo, um mesmo objeto e procuram revestir de caráter hegemônico suas representações específicas (DUVEEN, 2009).

Nas sociedades modernas, em que a comunicação de massa impacta o social de forma significativa, torna-se evidente a tentativa de legitimação de diferentes representações sociais em relação a um mesmo objeto ou teoria. A depender da divergência de interesses entre os grupos dirigentes dos canais de comunicação, as representações sociais se diferenciam ou até mesmo se opõem. Esse fenômeno foi observado por Moscovici (1961), ao analisar as várias representações sociais construídas sobre a psicanálise em jornais filiados a grupos sociais distintos.

No entanto, se, por um lado, as representações sociais são formadas através dos processos de comunicação; por outro, não há a menor chance de haver comunicação sem a presença de representações (DUVEEN, 2009). Essa impossibilidade de comunicação na ausência de representações sociais

decorre do pressuposto de a realidade ser constituída efetivamente por representações compartilhadas (MOSCOVICI, 2009).

O fato de as representações sociais serem compartilhadas diz respeito a outro sentido ao qual o termo “sociais” também se compatibiliza. A palavra “sociais”, nesse caso, não se refere à necessidade de interação entre indivíduos e/ou grupos para a formação das representações. O que está em questão são as formas que as representações tomam enquanto fato psicológico:

[...] as representações são sociais, pelo fato de serem um fato psicológico, de três maneiras: elas possuem um aspecto impessoal, no sentido de pertencer a todos; elas são a representação de outros, pertencentes a outras pessoas ou a outro grupo; e elas são uma representação pessoal, percebida afetivamente como pertencente ao ego. Além do mais, não nos devemos esquecer que as representações [...] são construídas com o duplo fim de agir e avaliar (MOSCOVICI, 2009, p.211).

Dentro dessa acepção, o “social” se reveste de três sentidos: o da impessoalidade – que faz com que a sociedade seja percebida como algo diferente da simples soma de seus membros individuais e grupais; o da alteridade – indispensável à constituição das identidades sociais de cada sujeito; por fim, o sentido de pertencimento ao ego – fazendo das representações não somente algo constituinte da realidade social, mas formadora daquilo mesmo que o sujeito acredita ser.

A possibilidade de as representações sociais participarem da construção da realidade social e da formação da identidade dos sujeitos reside no seu poder de criação. Mais detidamente,

pode-se afirmar que a capacidade criativa das representações sociais repousa na sua dupla face, abrigando estruturas cujas dimensões são estruturadas e estruturantes (SPINK, 1994).

A função constituinte das identidades dos sujeitos, desempenhada pelas representações sociais, opera de maneira tal que confere aspecto de naturalidade a concepções de mundo condicionadas por fatores sócio-históricos. Na tendência a se apresentarem como naturais, as representações sociais se fazem sentir, por cada sujeito, como própria – sendo parte mesma de seu ego. Como consequência, as representações sociais habitam o cerne das ações e pensamentos individuais, experienciados como não-sociais.

Mais do que motivações, aspirações, princípios cognitivos e outros fatores que são habitualmente apresentados são as nossas representações que em última instância determinam nossas reações e as suas significações são, assim, as de uma causa real (MOSCOVICI, 2009, p.104).

As representações sociais, por determinarem as ações e avaliações de grupos e indivíduos, se constituem em causa real. Sendo assim, os elementos formadores das representações, bem como a dinâmica desse processo estão envolvidos na determinação de comportamentos e idéias.

Para se pensar adequadamente as múltiplas determinantes das representações sociais, respeitando a condição de serem, simultaneamente, estruturas estruturadas e estruturantes, é preciso levar em conta a complexidade da condicionante temporal. Portanto, deve-se considerar, além das determinantes estruturais e das relações

sociais, o tempo histórico – em suas três dimensões – na tentativa de se compreender o processo de engendramento dos significados sociais.

A primeira dimensão do tempo histórico se refere ao estreito intervalo da interação social, em que as representações sociais dão provas de sua funcionalidade na vida cotidiana, orientando ações e comportamentos. A segunda dimensão diz respeito ao *habitus*, na perspectiva de Bourdieu, ou seja, às disposições adquiridas pelo fato de se pertencer a certos grupos sociais e não a outros. Por fim, deve-se considerar o tempo longo constituinte do imaginário social, em que se encontram acumulados os conteúdos da memória coletiva (SPINK, 1994). Sem essa diferenciação temporal, se torna complicado tratar da aparente contradição estrutural das representações sociais: ao mesmo tempo, figurando como estruturas estruturantes e estruturadas.

Com efeito, parece possível propor uma espécie de contínuo em que ao lado do tempo curto – característico dos processos de interação social – se localizam as possibilidades criativas da face estruturante das representações sociais. Ao tempo longo, por seu turno, se relacionam as questões do imaginário social mais sedimentadas, proporcionando às representações sociais a formação de seus núcleos, capazes de lhes conferir maior estabilidade (SPINK, 1994).

Segundo Moscovici (2009), toda e qualquer representação tem por finalidade revestir de familiaridade algo não experimentado, ainda, como familiar. Na consecução desse objetivo, a dimensão estruturante das representações sociais exerce sua função a partir do momento em que a percepção e a compreensão dos objetos

não-familiares observam o regime dos elementos já conhecidos e, portanto, familiares.

O preestabelecido se sobrepõe ao novo, produzindo, ou melhor, reproduzindo certas concepções anteriores, inclusive as preconceituosas. Observando essa dinâmica, Moscovici (2009) afirma que a tensão presente entre o familiar e o não-familiar sempre se resolve em favor do já conhecido, uma vez que, no social, a conclusão se coloca à frente das premissas, invertendo o raciocínio da lógica clássica.

Segundo Jovchelovitch (1994), o jogo incessante de repetição e superação da vida social sintetiza a complexa dinâmica de funcionamento das representações sociais, consideradas suas faces estruturantes e estruturadas. Com efeito, a dupla face das representações e sua complexa dinâmica, em constante diálogo com o social, iluminam o funcionamento mesmo das relações sociais, demonstrando a importância analítica de se fazer psicologia social numa perspectiva sociológica.

Referências

- DUVEEN, G. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. Representações sociais: a teoria e sua história. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.31-59, 1994.
- GUARESCHI, P. A. “Sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.191-228, 1994.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p.17-44, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.63-88, 1994.

JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. A. Introdução. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.17-26, 1994.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos de uma história. In: JODELET, D. (Org.). **As**

representações sociais. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p.45-66, 2001.

_____. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris, P.U.F., 1961.

_____. Prefácio. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.7-16, 1994.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.117-148, 1994.